

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FILOSOFIA

**A EXISTÊNCIA DE DEUS SEGUNDO A *SUMA DE TEOLOGIA* DE TOMÁS DE
AQUINO**

IVONE ALVES DE DEUS MILHOMEM

Uberlândia, 2018

IVONE ALVES DE DEUS MILHOMEM

**A EXISTÊNCIA DE DEUS SEGUNDO A *SUMA DE TEOLOGIA* DE TOMÁS DE
AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Universidade Federal
de Uberlândia como parte dos
requisitos necessários para a
obtenção do Grau de Graduação em
Filosofia. Sob a orientação do
Professor Doutor Anselmo Tadeu
Ferreira.

Uberlândia, 2018

IVONE ALVES DE DEUS MILHOMEM

**A EXISTÊNCIA DE DEUS SEGUNDO A *SUMA DE TEOLOGIA* DE TOMÁS DE
AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso á
Universidade Federal de Uberlândia
como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau
de Graduação em Filosofia.

Professor 1

Prof. Dr. Anselmo Tadeu Ferreira
Presidente da Banca-Orientador

Professor 2

Professor MS. Lucas Nogueira Borges
Membro

Uberlândia, 16 de Agosto de 2018

Dedico aos meus familiares; e a todos que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram nesta jornada, em especial:

A Deus que devo minha vida.

A minha família que sempre me incentiva nas escolhas tomadas e que me compreende nos momentos difíceis.

Ao orientador Professor Anselmo Tadeu Ferreira que teve papel fundamental neste trabalho.

RESUMO

Neste trabalho abordamos a existência de Deus em uma pequena parte da obra de Tomás de Aquino, a questão 2 da Primeira Parte da *Suma de Teologia*, onde ele tem como meta mostrar que o pensamento de Aristóteles não era contrário à fé cristã, é obtido sucesso, pois constatou-se que entre a filosofia do Estagirita e a doutrina cristã, poderia haver harmonia. Tomás foi estudioso dedicado, dentro do limite do seu tempo. Com intuições geniais sobre o pensamento do filósofo mesmo sem possuir todas as suas obras, sendo que estas intuições foram confirmadas na posteridade como o mais autêntico pensamento do autor em questão, por isso hoje é comum reconhecer em Tomás o melhor intérprete de Aristóteles do período medieval.

Tomás parte então do conceito do conhecimento para demonstrar que é possível se provar a existência em um ente metafísico pela razão, aonde não é necessário fé ou revelação divina, para mostrarmos que a questão da existência de Deus é também uma questão filosófica. No texto salientamos que para Tomás a existência de Deus depende da experiência sensível, que é *a posteriori*. Neste estudo não faço discussão com outros filósofos, ou outras ciências, mas manifesto a solução provável que Tomás dá a existência de Deus diferente a de outros autores nesta mesma questão, porque é a própria razão filosófica que procura saber a verdade.

O que Tomás prova é que existe um Deus, não prova o que Deus é, não é essa a intenção pois a questão dos atributos divinos, mesmo sendo prolongamento das provas, não faz parte da argumentação sobre a existência de tal Ente.

Então apresentamos as características do Deus do qual prova a existência: Deus ser o próprio ser, Deus ser uno. O Deus de Tomás não se resume a isso; ele é apenas algo que sabemos pela razão; então o Deus de Tomás é, além disso: salvador, redentor, uno e trino, etc. Apenas, segundo ele, os últimos atributos não são acessíveis à razão humana, mas a transcendem e só os temos mediante a revelação.

ABSTRACT

In this work we approach the existence of God in a little part of the work of Thomas Aquinas, *Summa Teologiae*, part I, question 2, where he aims to show that Aristotle's thought was not contrary to the Christian faith, and was successful, since it was found that between the stagirist philosophy and Christian doctrine, there was a great harmony. Thomas was a dedicated scholar, within the limit of his time. With genius intuitions even without possessing all the works of the philosopher, and these intuitions were confirmed in posterity as the most authentic thought of the Author in question, so today it is unanimous to recognize in Thomas the best interpreter of the period of Aristotle.

You then take the concept of knowledge to demonstrate that it is possible to prove existence in a metaphysical entity by reason where there is no need for divine faith or revelation to show that the question of the existence of God is also a philosophical question. In the text we emphasize that for Thomas the existence of God depends on the sensitive experience, which is *a posteriori*. In this study I have no discussion with other philosophers or other sciences, but I show the probable solution that Thomas gives to the existence of God different from that of other authors in this same question, because it is philosophical reason itself that seeks to know the truth.

It does not prove what God is, and it is not the intention, but it proves that God exists. And that Thomas proves that there is a God, for the question of the divine attributes which, although prolonging the evidence, is not part of the argument about the existence of such an entity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. QUESTÃO 2.....	13
2.1 A Existência de Deus.....	13
3. ARTIGO 1.....	15
3.1 A Existência de Deus é evidente por si mesma?.....	15
4. ARTIGO 2.....	22
4.1 É possível demonstrar a existência de Deus?.....	22
5. ARTIGO 3.....	31
5.1 Deus existe?.....	31
6. CONCLUSÃO.....	37
7. REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Abordaremos neste texto a Filosofia Medieval que percorre um longo período, realizando divisões e subdivisões com variações de tendências e riquezas de pensamentos que continuam a desafiar a capacidade de reunir elementos diferentes para fundi-los num todo coerente. E não é fácil fazer uma relação do cristianismo com a filosofia pagã, pois durante um longo período houve grande resistência por parte da Igreja romana ao ensino da filosofia grega, por considerar que os conhecimentos dos autores pagãos desviavam os cristãos das crenças nos dogmas ou então faziam nascer heresias ao proporcionar instrumentos conceituais da filosofia pagã para a compreensão de determinados aspectos da religião. E com a difusão progressiva das obras de Platão e Aristóteles tanto no original, quanto no grego através dos árabes, não podiam mais ignorar a herança intelectual, então a partir desta aceitação na Idade Média passou-se a contar com temas e disciplinas vinculadas com o saber profano e com a teologia na autoridade da revelação.

A filosofia tem como trabalho demonstrar a verdade através dos instrumentos que permita ao filósofo triunfar sobre os detentores das supostas verdade. Na perspectiva cristã, a filosofia não é a busca da verdade, porque a verdade já foi encontrada e trazida pela própria palavra de Deus, é nas questões de âmbito teológico são as que mais importam ao homem, porque diz respeito à sua salvação. No plano filosófico a verdade, já está posta como na obra de Aristóteles aonde temos duas sínteses:

A das verdades profanas filosóficas - científicas constituída pelas doutrinas de Aristóteles; e a das verdades cristãs, que está na Sagrada Escrituras (Bíblia) e autorizadas dos textos sacros. Aonde Tomás julga que não há brusca ruptura entre razão e fé, pois as verdades na religião são propensas

a demonstração racional, pois a fé não contradiz a razão. (NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do, 1986.)

Sendo assim São Tomás menciona parte da obra e os comentários dos escritores aristotélicos, onde ele demonstra grande astúcia nos comentários que constituem ainda hoje o que há de melhor nos textos que se escreve sobre determinados aspectos da filosofia aristotélica para esclarecer completamente estes textos.

Conforme afirma Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, São Tomás julga que nos seus pensamentos não há brusca ruptura entre razão e fé, pois muitas verdades na religião são propensas à demonstração racional, pois a fé não contradiz a razão.

Temos que reconhecer que no âmbito do racional o demonstrável é restrito, em comparação com a imensidão dos mistérios de Deus, mas a consciência da razão nos leva naturalmente a sujeitarmos à autoridade dos dogmas, quando estamos diante do incompreensível. É a sabedoria, por sua vez engloba mais do que aquilo que compreendemos pela única razão, visto que o fim da sabedoria é o reino de Deus, e que nele penetramos através da piedade.

As obras de São Tomás são muito numerosas, umas são de interesses apologéticas outras são exegeses de textos sagrados e outras do tipo estritamente teológico, dogmático ou jurídico. Porém interessa- nos somente as obras filosóficas e as de sistematização da teologia aonde se encontra principalmente a filosofia tomista¹.

¹O tomismo é a filosofia escolástica de São Tomás de Aquino (1225-1274), e que se caracteriza, sobretudo pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo. Procurando assim integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico, aos textos da Bíblia, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica. A filosofia tomista é, por excelência, a metafísica ao serviço da teologia. Aqueles que seguem este pensamento ou alguma de suas doutrinas são conhecidos por

São Tomás adapta a filosofia grega de Aristóteles, fazendo comentários e seguindo de perto os textos na tentativa de esclarecê-los completamente. Há sem dúvida uma estreita afinidade, entre a mentalidade de Santo Tomás e a de Aristóteles. No entanto Santo Tomás possuía uma genialidade filosófica grande para limitar-se a seguir somente o aristotelismo; porque no sentido geral o que difere Santo Tomás de Aristóteles é toda a sua atividade intelectual que ele dirige para fundamentar a teologia cristã baseada em idéias alheias à mente helênica.

As preocupações de São Tomás eram distintas como, por exemplo, demonstrar a existência de Deus e a explicação da sua essência na medida em que é possível, a interpretação racional dos dogmas e o isolamento do seu núcleo misterioso, supra-racional, mas não anti – racional; onde encontramos temas como: a Trindade, a criação do mundo, a Eucaristia. Por outro lado temos a doutrina da alma humana, espiritual e imortal; a ética programada para uma vida sobrenatural; o problema dos universais e assim muitos outros.

Para Tomás há uma diferença clara entre os dois tipos de saber ou as duas ciências: a teologia se pauta na Revelação divina; e a filosofia no exercício da razão humana. Neste caso não pode haver conflitos entre a filosofia e a teologia, pois seria um desacordo dentro da verdade, porque as duas ciências são independentes com um campo em comum que é o ponto de vista do objeto formal, pois o seu objeto material só coincide parcialmente. Há dogmas revelados que somente se conhece pela razão; que Santo Tomás indica como exemplos a existência de Deus, e seus

tomistas. No Concílio de Trento o tomismo ocupou lugar de honra e, a partir do papa Leão XIII, foi adaptado como pensamento ou uma das correntes teológicas oficiais da Igreja Católica, senão a principal.(TORREL, 1999.p.45)

atributos, a criação, etc., contudo a sua revelação não é em vão, porque por meio da razão poucos conhecem estas verdades.

Santo Tomás crê em uma teologia natural que tem uma importância no seu rigor que só se encontra na filosofia tomista, porque se há um desacordo da doutrina filosófica com um dogma revelado é uma indicação que a doutrina filosófica é falsa e que a razão se extraviou e não foi suficiente para chegar à verdade. Neste caso a filosofia é subordinada à revelação não como imposição, mas como uma norma própria à verdade, pois a revelação deixa a filosofia em guarda, porque é a própria razão filosófica que procura saber a verdade.

2. A Questão 2 da *Suma*

2.1 A existência de Deus

Tomás de Aquino, na *Suma de Teologia*, abordará o conhecimento de Deus na doutrina sagrada analisando não somente o que ele é em si mesmo, mas enquanto é o princípio e o fim das coisas e em especial a criatura racional.

Na intenção de expor esta doutrina a *Suma de Teologia* se divide em três partes:

- 1- De Deus;
- 2- Do movimento da criatura racional para Deus;
- 3- Do Cristo, que enquanto homem é pra nós o caminho que leva a Deus.

As considerações sobre Deus abrangem três assuntos:

1. O que se refere à própria essência divina;
2. O que se refere à distinção das Pessoas;
3. O que se refere às criaturas enquanto procedem de Deus.

Já no que se refere à essência divina, ele faz as seguintes perguntas:

1. Deus existe?
2. Como é Ele ou, antes, como não é?
3. Como age, isto é sua ciência, sua vontade e seu poder.

E com relação à existência de Deus, o assunto é abordado nas três questões a seguir, cada uma das quais é tema de um artigo da questão 2:

1. A existência de Deus é evidente por si mesma?

2. Pode-se demonstrá-la?

3. Será que Deus existe?

A doutrina de Santo Tomás expõe ao longo destes três artigos, que a existência de Deus não é por si mesma evidente, mas que pode ser racionalmente demonstrada *a posteriori*, por seus efeitos, partindo de cinco diferentes aspectos do ser criado e contingente, que constituem cinco caminhos ou vias para chegar da criatura ao criador.

3. Artigo 1

3.1 A existência de Deus é evidente por si mesma?

Para Tomás uma verdade evidente é uma verdade da inteligência. E há evidências de verdades que não deixam de ser atestadas pela inteligência, e estas verdades dispensam a demonstração, pois o objetivo da demonstração é fazer a inteligência ver verdades que não são evidentes para ela.

Já na questão da existência de Deus, alguns defendiam ser esta uma verdade evidente em si mesma, porém só nos resta saber se eles tinham razão desta demonstração, porque seria impossível demonstrar o que é evidente sobre a existência de Deus, como declara Gilson:

É certo que alguns filósofos consideram esta verdade como evidente em si mesma; devemos, pois, primeiramente examinar suas razões que, se forem fundadas, nos dispensará de toda demonstração, e ainda – já que não pode demonstrar-se o evidente –, farão, não somente supérfluas, senão sem objeto, e, em consequência, impossíveis, todas as demonstrações da existência de Deus. (GILSON, Etienne, 1960, p.72)

Na primeira objeção o que é evidente não pode ser provado é o ponto de partida do conhecimento que é necessário a partir do que é por si. Sendo assim o conhecimento é evidente e espontâneo a nós e natural porque é infundido por um movimento primeiro da inteligência, Tomás cita Damasceno que diz:

Podemos dizer que são assim conhecidas de nós as coisas cujo conhecimento que temos naturalmente, como os primeiros princípios da demonstração onde o todo faz parte imediata do maior pelo qual compreende o nome de Deus como sendo o maior que existe, então “o conhecimento da existência de Deus é naturalmente infundido em todo”. Suma teológica I, q.2, art.1.1.p.161.

Desse ponto de vista podemos dizer que o conhecimento de Deus é inato aos homens e que os teólogos sustentavam que a existência de Deus é uma verdade evidente e que ninguém podia hesitar. Pois o que é evidente por si é aquilo que é conhecido por si.

Na segunda objeção, evidente por si é aquilo que é conhecido como estão nos termos de Aristóteles, nos *Primeiros Analíticos*, ao destacar os primeiros princípios de demonstração. Na demonstração, se sabemos que o todo é um composto de partes, imediatamente se sabe ser qualquer todo maior que a parte.

Para Tomás não temos um conceito adequado de Deus, e nem um conceito ao qual ele seria maior que tudo que se pode pensar. Então ele introduz Deus no discurso filosófico, porque não é possível só provar a existência de Deus filosoficamente, mas é necessário levar a sério, a prova da existência de Deus que não é evidente para nós, porque é impossível conceber um ente superior a Deus, pois se pudéssemos conceber algo que fosse superior a Deus esse algo sem dúvida seria Deus então não se concebe nada que seja superior a Deus, pois a maior coisa é existir na realidade do que apenas na mente.

Assim se Deus existisse só na mente, seria possível aceitar algo maior do que ele não apenas sua existência no plano da mente, mas no real. Os filósofos árabes sempre recorriam ao argumento filosófico que não era possível uma prova racional da existência de Deus, pelo fato dos nossos conhecimentos, mesmo os mais abstratos, que provinham, primariamente, dos sentidos.

Porque de Deus não temos nenhuma experiência sensível, então é impossível ter qualquer conhecimento filosófico de Deus. Logo não se concebe algo superior a Deus, pois sua existência não pode se limitar apenas a mente ela alcança a realidade. Aonde a existência de Deus é por si evidente.

Na terceira objeção é evidente por si que a verdade existe o que nega a existência permite que ela exista, porque se a verdade não existe é verdadeiro que ela não exista, então é necessário que exista a verdade verdadeira para se provar que Deus é a própria verdade e existe, pois é a verdade em si como nos evangelhos se diz: João 14: 06 “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

Logo, a existência de Deus, como a existência da verdade impõem de forma a envolver – se ao nosso espírito. Deus é a verdade então a existência de Deus é evidente por si.

Em sentido contrário não se pensa o oposto do que é evidente por si, como Aristóteles, prova nos *Primeiros Analíticos*, com os princípios de demonstração. Que são os princípios lógicos das ciências que Aristóteles tem em mente quando escreve que a ciência demonstrativa deve partir "das premissas verdadeiras, primeiras, imediatas, mais conhecidas que a conclusão, anterior a ela e da qual aquela seja as causas"

Então o raciocínio demonstrativo parte de premissas, que conforme Aristóteles devem ser verdadeiras e inquestionáveis e que terá uma conclusão necessariamente verdadeira e inquestionável, ou seja, é por ela que se expressam as verdades da ciência e as verdades definitivas, pois sua construção parte de princípios ou axiomas, “os quais são verdades evidentes e que não precisam ou não devem ser demonstradas”. (BLANCHÉ, 1985, pag. 47).

Entendemos então que para Tomás demonstrar é esclarecer uma verdade com outra; é que para isso existem duas maneiras:

“Uma demonstração é a propter quid, que parte da causa para se chegar ao efeito; que parte do que é anterior de modo absoluto e a demonstração quia, que fundamenta no princípio que o efeito depende da

causa; e se estabelecida a existência do efeito é necessário a preexistência da causa. ” (Suma Teológica. I, 2, 2, pag. 164)

Que começa do efeito para a existência da sua causa; que é anterior para nós. Porém Tomás tem critério para conhecer qual modo é conveniente em certos casos; pois quando o efeito é manifesto para nós recorremos a ele para conhecer sua causa; porque o efeito depende da causa se estabelecido o efeito da existência que é a preexistência da causa. Mas na proposição “Deus existe”, não conhecemos a definição do sujeito e do predicado então não conheço a causa; se não tenho uma definição de Deus não posso provar sua existência, por isso partimos do efeito. E lembrando que todas as conclusões que nos guiam são os efeitos evidentes ao nosso sentido, da demonstração é do efeito à causa, do que é anterior para nós de modo absoluto

Destaca-se que o conhecimento é por si evidente quando não se pode pensar o seu contrário, mas o contrario da existência de Deus pode ser pensado, posso pensar que Deus não existe como cita Tomás o salmo 53:1

“O insensato diz em seu coração: Deus não existe. Tem – se corrompido e cometido abominável iniquidade; não há ninguém que faça o bem. Deus olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus. (A Bíblia Sagrada, 2012, pag. 639).

É necessária a demonstração de uma verdade evidente que não pode ser vista pela inteligência devido ao conceito de contingência da existência que o homem tem de Deus. Então a existência de Deus não é evidente por si.

Tomás responde á questão posta no artigo dizendo que o evidente por si é de duas maneiras: em si mesmo e não para nós e em si mesmo e para nós.

“Algo pode ser evidente por si de duas maneiras: seja em si mesmo e não para nós, seja em si mesmo e para nós, pois uma proposição é evidente por si se o predicado está incluído na razão do sujeito. E se a definição do sujeito e a do predicado é conhecida de todos, esta proposição será evidente por si para todos.” (Suma Teológica. I, 2, 1, C).

Nos dois casos temos um sujeito e predicado, mas no primeiro é evidente por si, porque as definições desses elementos são entendidas rapidamente, já o segundo não é evidente, é preciso explicar ou demonstrar algum elemento que não se apresenta evidente na proposição. Então se o predicado está no sujeito e a definição do sujeito e do predicado é conhecida por toda a proposição é evidente por si mesma e para todos, sendo o que acontece com os primeiros princípios de demonstração, se, portanto a definição do predicado e do sujeito for ignorada mesmo estando na razão ela será evidente por si mesma, e não para nós porque não sabemos dizer se o predicado está contido no sujeito ou não, pois uma proposição evidente por si e não para nós, não demonstra; porque uma proposição evidente em si e não para nós, onde o predicado e o sujeito são desconhecidos temos que demonstrar pois não percebemos se o predicado está na razão do sujeito.

Para Tomás “Deus existe” é uma proposição evidente por si e não para nós, porque a identidade entre o predicado e o sujeito deve ser demonstrada por raciocínio, o que é uma evidência mediata, já a evidência imediata é evidente em si mesma e para nós onde não há raciocínio para conhecer os termos da verdade que são em si mesma e não por outras verdades. Para Tomás, são duas formas de demonstração: a primeira começa da causa e termina no efeito, sendo que a segunda começa no efeito e termina na causa. Para prova que “Deus existe”, é necessário partir dos efeitos no mundo para chegar à causa, que é Deus. A

demonstração para nós, não é possível, pois não conhecemos a causa como o elemento de existência o predicado de Deus ou o sujeito Deus, não é evidente. Precisamos provar que a existência pertence à essência divina.

Respondendo a primeira objeção; frente a esta opinião comum e tradicional, Santo Tomás defendia desde o princípio de sua carreira magistral que a existência de Deus não era uma verdade tão evidente e manifesta e que pela mera apreensão dos termos nós conhecemos e compreendemos para esclarecer alguns conceitos. O primeiro se refere ao conhecimento de Deus, onde encontramos Deus de duas formas diferentes: a primeira é pela razão comum é a segunda pela felicidade geral ou a verdade em compor um atributo próprio e exclusivo de Deus como motor imóvel, causa primeira, ser absolutamente necessário, ser subsistente, inteligência ordenadora de todas as coisas naturais. O homem pode pensar Deus como real e existente, porque existe é realmente está na ordem do Ser e do pensamento. Porém o conhecimento que alguém tem de Deus por algum atributo é exclusivo dele, mesmo que possa ser muito imperfeito conhecer a Deus sob uma razão comum não é propriamente conhecer a Deus, é como se vê alguém ao longe que está chegando e temos a certeza que é a pessoa mesmo que está ao longe e se aproxima. Porque de certa maneira conhecer a Deus pela razão de felicidade, não é conhecer a Deus, sendo assim o homem pode se enganar em pensar que a felicidade está nas riquezas e nos prazeres da vida, e não compreendem que o problema se trata da evidência e não da existência de Deus sob uma razão própria; porque as coisas pensadas pelo homem como reais e existentes, não tem realidade ou existência fora da inteligência que as representa e conhece.

Respondendo a segunda objeção, no argumento da tradição agostiniana todos sabem que Deus existe, e é algo maior no qual nada se pode pensar, de fato,

então se de nada pode pensar precisa existir na mente e na realidade, pois se Deus é algo maior do que aquilo que se pode pensar ele existe na mente e realidade. Tomaz diz que nem todos têm um conceito de Deus ou um conceito no qual Deus seria maior do que tudo que se pode pensar. Assim Tomás introduz Deus no discurso filosófico, porque pra ele, não é só possível provar a existência de Deus filosoficamente, mas necessário que a prova seja levada a sério, pois a existência de Deus passa a ser uma questão filosófica.

Respondendo à terceira objeção, uma proposição evidente por si mesma e para nós não precisa ser demonstrada. No entanto, uma proposição evidente em si mesma e não para nós, cujos termos do predicado e do sujeito nos são desconhecidos, é necessário demonstrá-la, pois não percebemos que o seu predicado esteja incluído na razão do sujeito. Na concepção de Tomás, a proposição “*Deus existe*” está incluída no grupo daquelas que são evidentes por si mesmas e não para nós. Evidente por si mesma porque em Deus existe identidade entre predicado e sujeito, mas não para nós porque desconhecemos a essência divina. Logo, a proposição “*Deus existe*” precisa ser demonstrada para que venhamos a perceber que, no caso da proposição “*Deus existe*”, o predicado existir está incluído na essência divina.

Ao contrário, quando uma proposição é evidente em si mesma e não para nós, esta proposição só se torna evidente para nós por meio de demonstração. Esta é a evidência mediata, isto é, aquela que ocorre somente com a mediação do raciocínio. São verdades que só se tornam claras por outras verdades. No caso da proposição “*Deus existe*” trata-se de uma evidência mediata, porque ela só se torna evidente para nós quando a demonstramos pelo raciocínio.

4. Artigo 2:

4.1 É possível demonstrar a existência de Deus?

Tomás salienta que o conhecimento que temos de Deus começa pelos sentidos, e que através da razão e dos sentidos chegamos ao conhecimento da existência de Deus, que é uma questão filosófica e não só teológico-religiosa.

Tomas se recusa a seguir Agostinho e Anselmo nos textos em relação à existência de Deus, afastando-se de toda a sua tradição. Mesmo que julgasse necessário provar a existência de Deus pela razão, porque o conhecimento era a todos evidente. Para ele a razão pode chegar ao conhecimento de Deus independente de fé.

O argumento da tradição agostiniana é que Deus existe e que é algo acima do qual nada se pode pensar. E é necessário que exista na mente e na realidade, pois se existir só na mente, não é maior que, na mente e na realidade. Pois temos a potencia de conhecer, mas não conhecemos o ato, onde descarta o conhecimento inato das coisas

Então a existência de Deus não é evidente, porém a existência de Deus é demonstrável. Para Tomás ha duas formas de demonstração: a primeira começa da causa e termina no efeito, sendo que a segunda faz isso inversamente. Por fim, para chegarmos a uma prova de que “Deus existe”, será necessário partir dos efeitos no mundo para chegar à causa que é Deus. Então, a outra forma de demonstração não é possível para nós, pois tanto não conhecemos a causa como o elemento de

existência o predicado de Deus ou o sujeito Deus não nos é evidente. Precisamos provar que a existência pertence à essência divina.

É a evidência é de duas maneiras: em si mesmo e não para nós e em si mesmo e para nós. No caso temos um sujeito e um predicado, enquanto o primeiro é evidente por si, para o segundo o elemento não se apresenta auto evidente na proposição. A proposição “Deus existe” e evidência e só é ser demonstrada por raciocínio.

“Destacamos que:” a fé é a certeza do futuro que antecipamos, e acontecerá, e o presente que não vemos, mesmo assim é real, pois a fé é a certeza de que o futuro que antecipamos acontecerá e que o presente que não vemos, mesmo assim é real. Então a fé se origina da credibilidade de seu sujeito, e ninguém é mais confiável que Deus. “A Bíblia toda, o Ano todo, 2007 pg.391).

Na primeira objeção parece não ser possível provar a existência de Deus a não ser por fé, porque Deus não é demonstrado, pois só se demonstra o que ele é e não sabemos o que pode se demonstrar, pois Deus por ser infinito e as suas obras finitas não se pode demonstra a existência de Deus.

Uma verdade não é evidente, a não ser que seja absolutamente impossível de conhecer. Pode ser conhecida por via de fé é por demonstração. Resulta a primeira questão da não evidencia da existência de Deus, então Tomás questiona: Pode ao menos esta verdade ser demonstrada ou conhecida por via de fé.

À fé uma demonstração da existência de Deus, porque o objeto de fé não pode ser demonstrado, porque gera a ciência, pois a fé se refere ao que não vemos como declara o Apostolo na carta aos Hebreus 11:

“A fé é um fundamento do que se espera um meio de demonstrar as realidades que não se vêem. Por isso a Fe é uma resposta aquilo que Deus disse. Noé construiu a arca porque Deus o alertou sobre o dilúvio. Abraão deixou sua terra e sua parentela porque Deus lhe prometeu um lar e uma

numerosa descendência. E em ambos os casos, a ação foi procedida pela palavra de Deus, e nos dias atuais Deus não costuma se dirigir diretamente a nós, mas ele continua falando conosco através das escrituras. E a fé é a nossa resposta á sua Palavra. “A Bíblia toda, o Ano todo, 2007 pg.391).

Então Tomás rejeita a concepção ao qual se refere à existência de Deus. Para ele uma demonstração racional da existência de Deus não concorre contra a fé por dois motivos: primeiro, porque a existência de Deus, entre outras verdades referentes a Deus que são naturalmente cognoscíveis, não é propriamente ao artigo de fé, mas preâmbulo deste artigo. A fé pressupõe o conhecimento natural, e a graça pressupõe a natureza e a perfeição do que é aperfeiçoado. Então, a existência de Deus não é demonstrável.

Na segunda objeção na tradição, para Agostinho, demonstrar a existência de Deus era algo possível, mas não necessário, já que a existência de Deus era evidente para todos. Mas para Tomás não somente é possível se demonstrar a existência de Deus, mas uma necessidade, pois a existência de Deus não é, de forma alguma, evidente para nós. Porque o que é destinado a demonstrar a existência de uma causa, por seus efeitos, é necessário apoiar com antecedência a definição nominal e vulgar de tais causas, para que possamos apreciar se o que estamos concluindo nas demonstrações de causa para a existência na qual investigamos.

Por este motivo, na demonstração da existência de Deus devemos começar do conceito atual e vulgar que todos os homens têm de Deus. Quando falamos de Deus queremos significar por este nome um ser transcendente e superior a todas as coisas que vemos, pelas quais são formadas, governadas e direcionadas para observar o fim geral do universo. Então entendemos que o nome de Deus é

proposto nos termos: que existe um ser transcendente e superior a todas as coisas deste mundo visível, que as formou, as move, governa e dirige para seus respectivos fim comum do universo. Porque se pudéssemos provar a existência de tal ser, concluímos a existência de Deus. Dizemos então que a causa é superior ao efeito, as perfeições de Deus são infinitamente superiores às das criaturas.

Tomás não prova o que Deus é, e nem era essa a sua intenção, mas prova que Deus existe. Que Deus é este que Tomás prova existir, já é a questão dos atributos divinos que, mesmo sendo prolongamento das provas, não faz parte direta da argumentação sobre a existência de tal Ente.

Então apresentamos as características do Deus do qual prova a existência: Deus por ser o próprio ser, Deus ser uno. O Deus de Tomás não se resume a isso; ele é apenas algo que sabemos pela razão; já o Deus de Tomás é, além disso: salvador, redentor, uno e trino, etc. Só Tomás pensa que os últimos atributos não são acessíveis à razão humana, mas transcendem e só as tem mediante a revelação.

Na terceira objeção a demonstração da existência de Deus pelo princípio de causalidade, estabelece que ao mesmo tempo em que Deus é o criador do mundo, já que o existir absoluto e infinito, pois Deus tem em si o ser e as perfeições de todas as criaturas; segundo o qual todo o ser vem da causa universal que é a criação. Para definir essa idéia, não colocamos o problema da criação para qualquer coisa particular, mas o temos é uma totalidade do que existe. Pois se trata de explicar que o aparecimento, e o que é a criação é o próprio dom da existência, porque se a criação não tem matéria, ela tem uma essência criadora que por ser ela mesma o ato puro é finito de existir.

A demonstração “quia” não nos dá uma definição perfeita da essência divina, porque os fatos que são desproporcionais à causa, pois, no caso, os efeitos são finitos e a causa infinita. É isso nos dá a certeza, pela observação das criaturas, o que Deus é. Não constrangemos a fé para demonstrar a existência de Deus, porque o objeto de fé não pode ser demonstrado, Tomás não aceita esta concepção que diz respeito à existência de Deus. Na perspectiva de Tomás, uma demonstração racional da existência de Deus não contribui contra a fé por dois motivos: primeiro, porque a existência de Deus, na verdade refere-se a Deus que é naturalmente cognoscível, não é propriamente artigo de fé, mas preâmbulo deste artigo. Segundo, porque nada impede que o que é naturalmente demonstrável seja recebido como verdade de fé por aquele que não consegue apreender a demonstração. Para Tomás, há duas formas de demonstração: a primeira começa da causa e termina no efeito, é a demonstração “propter quid” e a segunda começa do efeito e termina na causa, é a demonstração “quia”. Para chegar à prova que “Deus existe”, será necessário partir dos efeitos no mundo para chegar à causa que é Deus.

Em sentido contrário o conhecimento humano não para no sensitivo, pois somos dotados de uma faculdade intelectual capaz de abstrair das espécies não só da matéria, mas as singularidades materiais, aonde Tomás distingue duas funções do nosso intelecto, e, para tanto, concebe dois nomes que significam as suas funções: de intelecto agente é aquele que abstrai da imaginação as qualidades inteligíveis do objeto, e de intelecto possível aquele que reúne essas qualidades inteligíveis gerando assim o conceito ou a espécie expressa inteligível. Para Tomás o conceito é o meio pelo qual conhecemos a realidade do objeto, pois o conhecimento só ocorre por reflexão do ato cognitivo.

Respondo que a primeira coisa a se dizer é que demonstrar é esclarecer uma verdade com outra verdade e que existe duas maneiras de se mostrar uma verdade por outra. A primeira é aquela que parte da causa para se chegar ao efeito anterior de modo absoluto, trata da demonstração *propter quid*. O segundo tipo de demonstração consiste em começar do efeito para depois inferir a existência da sua causa do que é anterior para nós que é a demonstração *quia*. Tomas então estabelece qual dos modos de demonstração é mais conveniente para se fundamentar o seguinte princípio: que o efeito depende da causa; pois, estabelecida a existência do efeito, é necessária a preexistência da causa. Pois o conhecimento do efeito nos leve a uma causa, é este conhecimento da subordinação é a dependência da causa, é o conhecimento da existência da causa pela qual depende é o conhecimento da natureza do efeito e o conhecimento perfeito ou imperfeito são próprios da natureza da causa. Então a dependência atual de um efeito revela a existência de sua causa e é a semelhança mais ou menos perfeita que tem com a causa, que manifesta com maior ou menor perfeição da natureza dela mesma. Pois qualquer demonstração *a posteriori*, o efeito formal é considerado como dependente e subordinado, e deve ser mais conhecido que a causa para ele. E para que a causa seja comprovada por seus efeitos, duas condições são necessárias e suficientes: a primeira que a causa tenha efeitos, e a segunda que estes efeitos considerados sob a razão de dependência e subordinação nos são mais conhecidos que a causa. Não há dúvida que a existência de Deus não possa ser provada *a priori*, já que o ser divino não tem causa, pois é o Ser sem causa, que existe em virtude de sua própria essência. Mas por outro lado é demonstrável *a posteriori*, porque tem efeitos, e estes efeitos são conhecidos por nós, mesmo sob a razão formal dos efeitos que é a existência de Deus.

Deus tem efeitos, porque todas as coisas deste mundo sensível foram causadas por Ele, e ele preserva e governa. Os seres sensíveis são mais conhecidos do que Deus, não apenas em sua natureza, mas também em termos de dependência e subordinação, porque em todos eles vários personagens são desenhados com o movimento, a causalidade, a contingência, a limitação, o ordenamento para um fim, que acusam sua dependência em uma causa superior. Pois não há outro modo de demonstrar racionalmente a existência de Deus do que a causalidade. Portanto aqueles que negam a objetividade do conceito de causa e conseqüentemente, o valor do princípio da causalidade eles se condenam a um agnosticismo absoluto com relação à existência e natureza de Deus. Mas admitindo o princípio da causalidade, a demonstrabilidade da existência de Deus é imposta à razão como uma verdade verdadeira e necessária. O princípio da causalidade nos leva a conhecer a Deus somente como primeiro é ultima causa dos seres de todo o universo. Isto é, descobre Deus como autor da ordem natural.

Respondendo a primeira objeção a existência de Deus em outras verdades analógicas que podemos conhecer sobre o discurso natural que não são artigos de fé, mas preambulos desses artigos e, assim, a fé pressupõe a natureza e a perfeição, o perfectível. É possível, no entanto, que alguém aceite pela fé o que é demonstrável é confiável porque ele não sabe ou não entende a demonstração porque existe coisas mais ou menos verdadeiras, boas e nobres do que outras que são coisas na medida em que elas se aproximam daquilo que é o máximo essas noções de coisas mais ou menos verdadeiras, boas e nobres que evidencia a existência de um grau supremo. E que isto corresponde à noção de ser, concluimos que o ente que tem essas noções em grau máximo possui também o ser em máximo grau.

Ele não é maximamente ser, maximamente verdadeiro é maximamente bom, é o próprio ser, a própria verdade e a própria bondade. E não é só tudo o que os diversos seres possuem a perfeição, enquanto participa da sua Suma Perfeição deste Ser que nós chamamos Deus.

Respondendo a segunda objeção, sempre que é destinado demonstrar a existência de uma causa por seus efeitos, é necessário apoiar com antecedência a definição nominal de tais causa, para que possamos apreciar se o que estamos concluindo nas demonstrações de causa, para a existência que analisamos. Por este motivo, na demonstração da existência de Deus começamos do conceito que todos os homens têm de Deus, pois quando falamos de Deus, queremos significar por este nome um ser transcendente e superior a todas as coisas que vemos pelas quais é formada, os governam e os direcionam para observar o respectivo fim e para o fim geral do universo. Por que o problema da existência de Deus pode ser proposto nos termos que existe um Ser transcendente é superior a todas as coisas deste mundo visível que as formou e todas as movem, governa e dirige para os seus respectivos fins e para o fim comum do universo? Se pudéssemos provar a existência de tal ser, concluimos a existência de Deus, porque não é outra coisa que queremos seguir com este nome.

Respondendo a terceira objeção para demonstrar a existência de Deus consistira em um ponto de partida, nas coisas criadas, de um caminho ou ponto, que não pode ser diferente da causalidade extrínseca, e de um termo de chegada, que é a causa, Deus. Este ponto de partida é sempre um efeito sensível, manifesto, um fato da verdadeira experiência; a existência de movimento, a subordinação de causas eficientes, a contingência de seres sensíveis, a gradação das perfeições transcendentais e a ordenação até o fim. Então temos que demonstrar o fato de que

a razão inclui a condição de efeito, que são algo causado, pois o que se move é movido por outro; porque uma causa subordinada é movida por outra superior; é o ser contingente e causado por um ser necessário, uma perfeição que é participada em diferentes graus é causada ou pelo mesmo existente em um grau máximo; pois um ser não cognitivo, que trabalha para um fim, é causado, movido e dirigido por uma inteligência. Porém assegurada esse caráter de efeito, a razão, sob o princípio da causalidade, passa a demonstrar a existencia de uma causa. Já no segundo passo, comum a todas as formas, é que numa subordinação de causas não se pode avançar para o infinito, mas é absolutamente necessário entrar numa primeira causa, da qual todos os outros dependem. Logo tem que existir um primeiro motor que tudo se move, uma primeira causa que coloca em ação todos os outros; um ser necessário e contingente, um primeiro ser que é a fonte e a origem de estar em quantas coisas existem e uma primeira inteligência que dirige todas as coisas para seus respectivos fins.

Esta última causa é Deus. portanto, todos os caminhos de Tomás terão, pelo menos, um ponto de partida, que remete a um fato da experiência; aonde no primeiro grau do caminho, o fato da experiência é algo necessariamente causado, o segundo grau do caminho é necessário alcançar uma causa primeira, então no termino do caminho a causa primeira é Deus, logo Deus existe. Por isto é necessário qualificar cada um dos caminhos de Tomás; e toda a interpretação fora destas vias está com certeza longe de seus pensamentos. Com isto Tomás propõe cinco vias para demonstrar que Deus existe.

5. Artigo 3

5.1 Deus existe?

No terceiro artigo abordaremos a seguinte questão: Deus existe? Parece que Deus não existe. Podemos então pensar na existência de um ser que não admite ser pensado, como não existente. Ora, que *não pode* ser pensado como não existente, sem dúvida, é maior que aquilo que *pode* ser pensado como não existência. Se, portanto, não é possível pensar nada maior que existe somente na inteligência, este ser, do qual não se pode pensar nada maior, é o ser do qual é possível, ao contrário, pensar algo maior. Logo, este ser do qual não se pode pensar nada maior existe, na inteligência e na realidade. Passaremos então ao próximo passo que é a exposição das cinco vias propriamente dita, que constituem uma única prova: a de que Deus existe e é cognoscível pela razão.

Na primeira objeção existe um ser infinito o outro deixa de existir, porque o que entendemos de Deus se trata de um bem infinito. E este ser possui o grau máximo da verdade, da bondade e de toda a perfeição que é causa dessas perfeições nos outros seres. Então este ser e de todo grau de perfeição das coisas, é transcendente à ordem dos seres naturais. O que os demais seres possuem mais ou menos, este ser possui em grau máximo. Ele não só é maximamente ser, maximamente verdadeiro e maximamente bom, senão que é o próprio ser, a própria verdade e a própria bondade. Sendo que tudo o que os diversos seres possuem de perfeição, só a possuem enquanto participam da sua Suma Perfeição. Então temos a existência de um mal no mundo, porque Deus na sua infinita bondade permite males para que deles se retire o bem.

Na segunda objeção o que pode ser realizado por poucos princípios, não é realizado por muitos, pois tudo no mundo pode ser observado como princípio da natureza que pressupõe a não existência de Deus, tudo que é natural encontra seu início na natureza, porque tudo no universo é explicado por causas naturais ou livres. Pois há uma contradição entre Deus é o mal, porque se Deus existisse não existiria o mal, então não podemos afirmar que Deus existe.

Ao contrário se diz no livro de Êxodo 3:14 “eu sou aquele que sou” (A Bíblia Sagrada, 2012, p, 67).

Podemos então dizer que Deus não é dependente ele existe e vive por si só, no qual se distingue de outros seres criados; e é absoluto por si, é que se distingue de qualquer outro ser criado, pois só pode participar da vida de uma forma imperfeita no modo de viver que só depende dele.

Respondo que podemos provar a existência de Deus por cinco vias as quais as vias não são provas estritamente falando, é um caminho possível para entender e provar a existência de Deus as quais são elas:

- 1- Via do movimento/primeiro motor;
- 2- Via da causa eficiente;
- 3- Via do contingente e do necessário;
- 4- Via do grau de perfeição;
- 5- Via do governo das coisas/da finalidade ser.

Temos o fator da prova da existência de Deus é a existência do mundo como seu efeito. As cinco vias partem de realidades materiais evidentes ao nosso sentido. Que consistência da prova é que sem uma causa transcendente, o mundo não pode existir, mas como o mundo existe, tem que existir a causa transcendente sem a qual

ele não poderia existir. Então as cinco vias são cinco modos de se chegar a um mesmo lugar: o efeito existe; logo, existe a causa, e são as cinco vias que fundamentam uma única prova, Deus existe?

1- Via do movimento/primeiro motor;

A primeira via manifesta e faz parte da certeza atestada pelos sentidos do movimento das coisas, percebemos um fato no mundo: o movimento. E constatamos que nada pode mover-se a si mesmo, pois todo movimento depende de um motor. Mover é levar algo que está em potência a está em ato. O movido está em potência para aquilo que o move, e o que move, ao contrário, está em ato para aquilo que move. Com efeito, se nada move a si mesmo, nada passa da potencia ao ato a não ser por um ente em ato. Exemplo: uma semente, tem a potencia de se tornar uma árvore, é o quente atual como o fogo, torna a madeira, quente potencial, em quente atual e assim move e altera. Porém não é possível uma coisa estar em ato e em potencia ao mesmo tempo, sendo assim o quente atual não pode ser quente potencial, mas é frio em potencia. Sendo assim tudo que é movido há de sê-lo por outro, e se o motor se move é necessário que seja movido por outro, e a este por outro; ora assim não procede até ao infinito, porque não há primeiro motor ou outro qualquer, pois segundo os motores não movem, senão movidos pelo primeiro, como se move um bastão senão pela mão. Logo é necessário chegar a um primeiro, motor de nenhum outro movido, que entendem: é Deus.

2- Via da causa eficiente;

A segunda via procede da causa eficiente. Façamos uma distinção entre causa e princípio; a causa é princípio, mas o princípio não é causa. Porque definição de causa eficiente está em um ente produzir outro ente. E, se esse ente produzir outro teremos uma ordem de causas eficientes. Não é possível que nada possa ser causa eficiente de si próprio, pois seria anterior a si próprio o que não é possível. Porque como existe o efeito tem que existir a causa. E é impossível nas causas eficientes ir até o infinito, porque em todas as causas ordenadas, a primeira é causa da média e está da última, sejam estas médias muitas ou uma só; é como se removesse a causa e sendo removida fica o efeito, e se nas causas eficientes não houver primeira não há média nem última. E dirigindo-se ao infinito não haverá primeira causa eficiente nem efeito último, nem causas eficientes médias, o que evidentemente é falso. Então não possui causa eficiente como as outras, ao mesmo que é causa eficiente de todas as outras é um ser assim é Deus.

3- Via do contingente e do necessário

A terceira via trata do possível e do necessário vê que certas coisas podem ser e não ser, podendo ser geradas e corrompidas. Se todas as coisas podem não ser, portanto em algum tempo nenhuma existia. Mas se fosse verdade agora nada existiria, pois o que não é só pode começar a existir por uma coisa já existente; nenhum ente existindo, comece a existir, pois nada existiria o que é falso. Então, nem todos os seres são possíveis, mas alguns são certos é necessário. Tudo que é necessário tem de fora a causa da sua necessidade ou não a tem. Não é possível proceder ao infinito nos seres necessários que tem a causa da própria necessidade, como não é nas causas eficientes. É certo admitir um ser por si necessário, que

tendo de fora a causa da sua necessidade, antes sendo a causa da necessidade dos outros e a este ser chamam Deus.

4- Via do grau de perfeição

A quarta via examina os graus de perfeições presente nas coisas, que podem ser encontradas em proporção maior ou menor, o bem, a verdade, a nobreza e outros atributos. O mais e o menos se dizem de diversos atributos que se aproxima de um máximo, assim o mais quente é o que se aproxima mais do maximamente quente, em um gênero que é a causa de tudo é o que esse gênero compreende como o fogo que é maximamente quente e a causa de todos os quentes. Então há algo verdadeiro, ótimo e nobre que evidenciam a existência de um grau supremo, que corresponde à noção do ser em máximo grau.

Dizemos então que o ser é uno, e que tudo na medida do verdadeiro é bom e que na verdade todas estas noções são desdobramento do transcendental que é em sumo grau verdadeiro, é ente em sumo grau, o que se encontra no mais alto grau em determinado gênero é causa de tudo o que é deste gênero.

5- Via do governo das coisas/da finalidade ser.

A quinta via é a do governo das coisas que como os corpos naturais carecem de conhecimento que operam em vista de um fim ao qual concluímos que operam do mesmo modo para que o ótimo possa chegar a um fim não pelo acaso, mas pela intenção. Pois se no mundo há uma ordem, então dispomos de forma organizada e racional o que evidencia a intenção da existência de cada ser

Podemos dizer então que seria uma serie causal onde os seres estão entrelaçados de maneira que cada um seja a causa eficiente do outro, e que quando

está série é ordenada em sentido inverso dizemos que o primeiro está ligado a produzir o segundo e assim por diante até produzir o ultimo que seria o fim de toda a série, então percebemos que há coisa que carecem de conhecimento e agem em vista de um fim, para que na maior parte das vezes alcance o fim ótimo, pois aquilo que não se conhece não tende para um fim a não ser dirigido por algo inteligente e que tenha conhecimento.

Pois os seres sem conhecimento não tendem ao fim sem serem direcionados por um ente conhecedor e inteligente como a flecha pelo arqueiro. Então há um ser inteligente, que governa e ordena os seres naturais do universo pelo qual as coisas naturais são ordenadas ao fim, que chamamos Deus.

Respondendo a objeção primeira Deus na sua infinita bondade não permite a existência de um mal nas suas obras, pois ele tem o poder de fazer o bem a partir de um mal existente. Sendo assim Deus na sua bondade permite males pra que deles possa retirar o bem.

Respondendo a objeção segunda afirma-se que as causas naturais ou livres têm um fim determinado, que é dirigido pelo ser superior e é preciso que todas estas causas possam chegar até a causa primeira que é Deus, pois tudo na natureza tem um inicio, meio e fim determinado por uma causa mais elevada que vai além da vontade humana. Então é necessário mudanças e menos falhas para que cheguemos há um princípio inabalável e indispensável por si mesmo.

6. CONCLUSÃO

Concluimos então que para Tomás não foi fácil fazer relação do cristianismo com a filosofia pagã, devido à grande resistência da Igreja Romana, ao ensino, por se considerar que o conhecimento desviava os cristãos de suas crenças, porém este estudo propõe instrumentos e conceitos da filosofia para vários aspectos da religião. Contudo com a difusão das obras de Platão e Aristóteles, não ignoraram mais esta herança e passaram a discutir na Idade Média temas e disciplinas da teologia e do saber profano com base na autoridade da revelação. Porém Tomás cita parte das obras e comentário de Aristóteles onde demonstra grande astúcia nos escritos, que continuam ainda hoje o que há de melhor sobre determinados textos no qual faz comentários e os esclarece completamente. A maior preocupação de Tomás era demonstrar a existência de Deus e a sua essência, com isto ele transmitirá o conhecimento de Deus na doutrina sagrada, e para analisar o que ele é em si mesmo, o princípio das coisas e da criatura racional.

Para Tomás não há diferenças entre os saberes, que está na teologia da revelação divina e a filosofia no exercício da razão, pois são independentes com ponto de vista do objeto formal que se coincidem parcialmente. Como norma própria a verdade a filosofia é subordinada a revelação, porque a filosofia fica em guarda sobre a revelação, pois a razão filosófica procura saber a verdade. Tomás expõe ao longo do discurso caminhos para se demonstrar que a existência de Deus é uma necessidade, porque a existência não é evidente para nós; então ele verifica se é possível demonstrar pela razão, uma vez atestada é necessária a demonstração. Contudo Tomás não prova o que Deus é; mas prova que Deus existe, com certas características, como: Deus ser o próprio Ser; Deus ser Uno, no entanto este Deus não se resume só a isso; é apenas o que se pode saber pela razão; mas o Deus de

Tomás, é: Salvador, Redentor, Uno e Trino. A intenção de Tomás é mostrar o Deus da Fé e da religião cristã. Fazemos uma demonstração pelo princípio de causalidade onde estabelece que Deus seja criador do mundo por ser ele um ser perfeito, absoluto é infinito com próprio dom da existência, pois a criação não tem matéria ela é ato puro é finito de existir. No entanto a demonstração “quia” não é a definição da essência divina, pois os efeitos são finitos e a causa infinita então tem certeza pela observação da criatura o que é Deus.

Para Tomás o que é conhecido não é artigo de fé, mas uma declaração, pois o que é demonstrável por verdade de fé não capta a demonstração, pois há duas formas de demonstrar: uma começa da causa e termina no efeito e a outra começa do efeito e termina na causa, então para provar que “Deus existe” partimos do efeito no mundo à causa Deus. Somos dotados de uma faculdade intelectual capaz de abstrair das espécies, não só a matéria, mas as singularidades as quais distinguimos do intelecto agente que abstrai da imaginação, qualidades do objeto é o intelecto possível que gera a espécie inteligível, pelo qual o conhecimento ocorre por reflexão do ato cognitivo. Demonstramos então racionalmente a existência de Deus pela causalidade, sendo ela imposta pela razão como verdadeira e necessária, para conhecer Deus como, primeiro é última causa dos seres no universo, sendo ele autor da ordem natural é a evidência da existência de um grau supremo de perfeição para os diversos seres existentes. Logo Deus existe?

Podemos pensar na existência de um ser, que não admite ser pensado como não existente, porque nada é maior, que só pode ser pensado na inteligência e realidade; como o ser maior que existe. Constituindo cinco caminhos para uma única prova que Deus existe é e conhecido pela razão; tudo é observado como princípio na natureza que pressupõe a não existência de um Deus, pois tudo é explicado por

causas naturais e livres. Há uma contradição entre Deus é o mal, porque se Deus existe não existe o mal então não afirmamos que Deus existe. Já nas escrituras, em Êxodo afirma que: Deus não depende pra existir, ele vive por si é absoluto é se diferencia de qualquer outro ser criado, pois não participa de outra vida ou modo de viver, ele só depende Dele.

7. REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento: com referências. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida: revista e corrigida. Várzea Paulista – SP: Casa Publicadora Paulista, 2012.

BLANCHÉ, Robert. *História da Lógica de Aristóteles a Bertrand Russell*. Lisboa: Edições 70, 1985.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Étienne. *História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. Trad. Raimundo Vier. 7 a..Ed. Petrópolis: VOZES, 2000.

CRAIG, William Lane. *Apologética Contemporânea: A Veracidade da Fé Cristã* / Craig, Tradução: A. G Mendes, Hans UdoFuchs, Valdemar Kroker. - 2 edições ampliadas e Atualizadas – São Paulo: Vida Nova, 2012.

FOLSCHEID, Dominique & WUNENBURGER, Jean- Jacques. *Metodologia Filosófica*. Tradução Paulo Naves, - São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FRANCA, Leonel. *Porque Existem Homens que não Crêem em Deus*. São Paulo: Mundo Cultural, 1979

Campos, Sávio Laet de Barros. As Provas da Existência de Deus em Tomás deAquino.P.22.Disponívelem: http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Provas_Existencia_Deus_Tomas_de_Aquino.pdf. Acesso em: 07 de julho de 2018.

GILSON, Etienne. *El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino*. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclee de Brouwer, 1960.

GILSON, Étienne. *A Filosofia Na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995.

MARÍAS, Julián. *História da Filosofia*. - 3ª edição – Porto: Edições Souza & Almeida, 1973

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *Um mestre no ofício: Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2011. – (Coleção como ler filosofia).

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. "Filosofia medieval" In: CHAUI, Marilena et al. *Primeira Filosofia: lições introdutórias*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTO TOMÁS de Aquino. *Suma Teológica*, volume I Parte I- Questões 1 – 43, Edições Loyola, São Paulo, SP, Brasil 2001.

SANTO TOMÁS de Aquino. *Seleção de Textos*, Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo. SP, 2004